

Tribuna

85 anos do hospital Montenegro – parte III



Roberto Braatz
Vereador - PDT

Na semana passada, informei da atitude corajosa de algumas famílias emprestando seus nomes e, por consequência, seus bens em garantia de empréstimo que o HM contraiu em 2003. Com vencimento para fevereiro de 2012. Tinha objetivo de manter vivo o HM e servindo à população, bem como garantindo o emprego de dezenas e dezenas de funcionários. Mensalmente eram retido R\$100 mil do repasse do governo federal para pagar o empréstimo. A crise, entretanto, persistia.

Várias reuniões aconteceram envolvendo diversas entidades. Desde a área empresarial, prefeituras, Ministério Público e o Estado. Várias iniciativas foram tomadas, porém sempre insuficientes. O déficit do HM aumentava. Mas elas foram importantes. O HM se mantinha vivo. Muitas pessoas se envolveram voluntariamente para socorrer o HM. Eram campanhas de leite, contribuição via conta de luz, entre outras. O fechamento seria dramático.

Por aquele tempo, havia um programa do Estado do Rio Grande do Sul intitulado “A Nota é Minha”. Ao comprar um bem em estabelecimento comercial, o consumidor pedia a nota fiscal e trocava por cupom para concorrer a prêmios. O consumidor entregava as notas na entidade. Dela recebia os cupons. A entidade, por sua vez, recebia recursos do Estado.

Neste fim de semana, fui lembrado pelo senhor Lauro Weber sobre um acontecimento, lendo o Jornal Ibiá. Fui pesquisar. Encontrei. Passo a narrar. Verão o desprendimento de um cidadão que não é montenegrino, mas radicado faz décadas em Montenegro. Em março de 2007, na troca das notas por cupons para concorrer, um deles caiu

nas mãos do cidadão Klaus Wolfgang Meirose, o pastor Meirose. Foi contemplado com um carro zero quilômetro. Pois bem, qual foi a atitude dele? Doou o carro para o HM com vistas a arrecadar recursos. Não é maravilhoso? Quando afirmo que muita gente se envolveu para que o HM chegasse até aqui, não é exagero. Mas os problemas persistiam porque o governo federal remunerava abaixo dos custos do HM. O déficit era persistente. Assim como a luta de todos. Havia um problema brutal. O salário dos funcionários estava atrasando um, dois até três meses. Terrível.

Como vereador, participei de vários encontros na busca de solução. Em pelo menos dois deles, houve a proposta para que houvesse renegociação da dívida e assim suspender o pagamento da mesma por certo período. Algo a que me opunha veementemente. Alguns debatedores queriam simplesmente prorrogar o empréstimo e utilizar a parcela destinada para abater a dívida para ser usada para o custeio. Significava estender a agonia dos avalistas. Sem garantia da continuidade do HM. Entendíamos que cada parcela paga era um mês a menos de sofrimento a aquelas honradas, generosas e corajosas pessoas que haviam colocado seus patrimônios em favor de manter vivo o HM. Em favor da população, independente de credo. Ora, isto era inaceitável. Era necessário buscar outra solução.

Continuarei na semana que vem.